



DO DESPEJO DE DOR AO DESPEJO DE CONHECIMENTO:
O PIONEIRISMO DE CAROLINA NA ESCRITA

FROM PAIN DUMP TO KNOWLEDGE DUMP:
CAROLINA'S PIONEERING IN WRITING

Cláudia Gomes Cruz

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
claudiagomescruz10@gmail.com

Ana Lúcia da Silva Raia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
raiaanalucia@gmail.com

Mônica Regina Ferreira Lins

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
monicarlins@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa ratificar o pioneirismo de Carolina Maria de Jesus na literatura, uma vez que sua escrita difere de inúmeras outras, tanto no estilo não padronizado aos parâmetros acadêmicos como no que Conceição Evaristo conceitua de *escrevivência*. Para tanto, evidenciaremos “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e “Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada”, as duas primeiras obras lançadas de Carolina, para ressaltar que a intelectualidade desta mulher negra periférica nos permite, dentre tantas outras possibilidades, correlacionar as perspectivas do feminismo negro e da opção decolonial, uma vez que ambas rompem com uma única visão de conhecimento e compreendem que a partir de perspectivas subalternas é possível (re)criar formas de sobreviver, (re)existir e construir conhecimentos outros.

Palavras chaves: Carolina; *escrevivência*; feminismo negro; opção decolonial.

ABSTRACT

This article aims to ratify the pioneering spirit of Carolina Maria de Jesus in literature, since her writing differs from countless others, both in the style that is not standardized with academic parameters and in what Conceição Evaristo conceives of *writing*. Therefore, we will highlight “Eviction Room: diary of a favela” and “Casa de Alvenaria: diary of a former favela”, the first two works launched by Carolina, to emphasize that the intellectuality of this peripheral black woman allows us, among many other possibilities, to correlate the perspectives of black feminism and the decolonial option, since both break with a single view of knowledge and understand that from subaltern perspectives it is possible to (re) create ways to survive, (re) exist and build other knowledge.

Keywords: Carolina; scribe; black feminism; decolonial option.

1. Introdução

A trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus nunca foi fácil. Nascida em 14 de março de 1914¹, na cidade de Sacramento, Minas Gerais e proveniente de uma família que vivia em situação de pobreza extrema. Ela ingressa na escola através de Maria Leite, mulher branca, patroa de sua mãe, que efetua sua matrícula no Colégio Alan Kardec, do Grupo Espírita Esperança e Caridade, onde aprende a doutrina espírita e também a ler e escrever. No entanto, não frequentou por muito tempo a escola, por falta de condições de trabalho e visando a subsistência, a família de Carolina tinha que mudar de lugar à procura de novas oportunidades de emprego.

Carolina frequentou os bancos da escola por dois anos, tempo suficiente para ela tomar gosto pelo mundo da leitura e da escrita. Bitita, como era conhecida quando criança, se reconheceu como Carolina nesse curto tempo em que frequentou a escola, pois, antes, para ela, era apenas Bitita, menina negra, rebelde, falante, que não levava desaforos para casa.

Bitita descobriu-se Carolina, na voz de sua professora.

Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus! Fiquei furiosa e respondi com insolência:

- O meu nome é Bitita.

- O teu nome é Carolina Maria de Jesus.

Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.

- Eu não quero este nome, vou trocá-lo por outro.

A professora deu-me umas reguadas na perna, parei de chorar. (JESUS, 1986: p. 124).

Carolina odiou aquele momento, mas depois, percebeu o quanto amava escutar seu nome na voz de sua professora. Durou muito pouco tempo seu percurso escolar, mas serviu para reconhecer que era muito mais do que uma menina rebelde. Precisava mostrar ao mundo tudo que tinha para dizer. Além do amor pela escrita, Carolina amava seus ancestrais. Seu avô materno, Benedito José da Silva, era seu exemplo de vida e de força ancestral. Filho de escravos, mas liberto, conforme destaca Castro e Machado (2007), pois nascera livre em decorrência da Lei do Ventre Livre, depois de 1871.

¹ Existem autoras que acreditam que o ano de nascimento de Carolina pode ser outro.

Seu Benedito era o homem mais inteligente que Carolina e muitos moradores do local conheciam. Era o griot², pois não havia quem não se interessasse por suas falas quando ele começava a contar a trajetória de sua vida, de seus ancestrais e os conhecimentos que aprendera com eles. Carolina sentia muito orgulho de ter um avô que todos amavam e respeitavam.

Eu tinha a impressão que estava sonhando. Uma noite o vovô desfaleceu. O meu tio Antonio pegou uma vela e um crucifixo e colocou-os nas mãos dele. Eu olhava aquelas mãos, pele e ossos, cadavéricas, que outrora foram vigorosas. Que haviam trabalhado para enriquecer os portugueses e trabalhado para criar os filhos e os netos. E olhei com simpatia aquelas mãos honestas.

(...)

As pessoas que iam visitar o vovô saíam comentando:

- Que homem inteligente. Se soubesse ler, seria o Sócrates africano.

- O que será Sócrates africano?

Outros comentavam:

- Foi um crime não educá-lo. E este homem seria O Homem! Poderiam criar uma lei de educação geral, porque as pessoas cultas que adquirem conhecimento do seu grau intelectual têm capacidade para ver dentro de si.

Algumas palavras ficaram girando na minha mente. Foram estas: 'Foi um crime não educar este homem'. O crime eu sabia o que era (JESUS, 1986: p. 119).

E, por isso, seu amor pela escrita tenha aumentado ainda mais.

Carolina, após a morte da mãe partiu para cidade de São Paulo e exerceu algumas ocupações na busca por melhores condições de vida, porém, seus caminhos a levaram para a favela do Canindé, onde para sobreviver catava papeis e metal.

Mãe solitária de três filhos, sabia da importância de mantê-los na escola. Sabia que a principal riqueza que poderia deixar para eles era o gosto pela leitura e pela escrita. Sabia que ter a cor da pele preta nos faz ter uma maior necessidade de lutarmos por espaços em uma sociedade racista e desigual. Apesar de todas as suas dores, sabia que estava no caminho certo, pois seus filhos estavam na escola e, por mais que passasse pelas dores da fome e da falta de uma melhor qualidade de vida, sabia que ter seus filhos ocupando os bancos escolares era importante. Evaristo reafirma que:

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Tento responder: talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato incompreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares

² São os indivíduos que tinham o compromisso de preservar e transmitir histórias, fatos históricos e os conhecimentos e as canções de seu povo.

ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narra esse ciclo de violência, racismo e analfabetismo (EVARISTO, 2008: p. 16).

Carolina sabia que nós, negros, temos o peso de todas as nossas dores e precisamos acertar sempre, pois quando erramos nos cobram como se todo o povo negro errasse junto. Por sorte do destino, dirão alguns, ou pela força da ancestralidade, afirmaremos nós e tantos outros, Audálio Dantas, jornalista, à procura de uma matéria na favela encontrou uma escritora que registrava seu cotidiano em restos de pedaços de papel de pão, encontrou sua reportagem.

Audálio Dantas reconheceu a força de Carolina para dar eco às dores da favela. Através de seus escritos, ela mostrou ao mundo que é possível ecoar o grito de milhões de invisibilizados. O pioneirismo de Carolina abriu as portas para milhões de indivíduos que são reduzidos à condição de favelados buscarem um caminho para o acesso às novas formas de avançar rumo à escrita e à leitura. O grito de Carolina, através de seus escritos, alavancou políticas públicas no combate a invisibilidade das crianças negras, oriundas dos espaços das favelas.

O Movimento Negro e projetos culturais fazem diferença no intuito de dar visibilidade aos talentos existentes nos espaços da favela e das periferias, mas sabemos que ainda há muito a se fazer. E, Carolina pode nos ajudar!

A reportagem terminou. Eu digo: de todas as que eu fiz, em dez anos de correr mundo-Brasil, esta é a mais importante. Não sei, mas acho que pedaço da minha alma escorreu pelos meus dedos e ficou no papel. Acredito, sem afirmar, afirmado. Agora, eu quero falar com Carolina. Todos podem ouvir. Carolina, você gritou tão alto que o grito terminou ferindo meus ouvidos. A porta do Quarto de despejo está aberta. Por ela sai um pouco da angústia favelada. É a primeira porta que se abre. Foi preciso abri-la por dentro e você encontrou a chave. Agora, vamos esperar que os de cá de fora olhem para dentro e vejam melhor o Quarto de Despejo. (...) Vejam agora o Sol que entra no Quarto de Despejo. Aqueçam-se, irmãos, que a porta está aberta. Carolina Maria de Jesus achou a chave. Aqueçam-se! (DANTAS, 1960: s/n).

Precisamos avançar em nossas lutas na busca por uma sociedade mais justa e plural, ecoando nossa cultura, nossos lamentos e nossos gozos. E, Carolina, através de sua escrita que parte da própria realidade e dialoga com inumeráveis outras realidades parecidas com a dela, nos incentiva neste avanço necessário. Portanto, como já recomendava Audálio Dantas: Aqueçam-se!

2. A escrita como subterfúgio para dor e o conhecimento

Em 19 de agosto de 2020, a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus completou 60 anos e foi alvo de merecidas comemorações³. A referida obra foi lançada em 19 de agosto de 1960 e obteve uma vendagem significativa no Brasil e no exterior, onde foi traduzida em 13 (treze) idiomas. Nela, Carolina discorre sobre o cotidiano na favela do Canindé, situada em São Paulo. Tal obra possibilitou que conhecêssemos a realidade da favela contada por quem morou dentro dela, ou seja, viveu e conviveu com a miserabilidade e ainda assim, conseguiu, a partir da escrita, criar conhecimentos outros.

A consideração da obra de Carolina como literatura negra interessa como valorização de uma atividade que se diferenciava das demais formas de sucesso social possibilitada aos negros. Se tradicionalmente os pretos sobem na escala social brasileira através da atividade artística - entendendo-se como tal quase que exclusivamente o samba -, ou do esporte - quase que apenas o futebol -, Carolina significou uma alternativa diferente daquela alcançada por Elizeth Cardoso, Ataulfo Alves, Garrincha ou Pelé. Teria sido através das letras - e das letras diferenciadas do padrão branco - que Carolina Maria de Jesus subira, tornando-se uma escritora, o maior sucesso de vendagem de nossa história no tempo (MEIHY & LEVINE, 1994: p. 230).

Quarto de Despejo retrata a realidade de uma mulher negra e periférica que para nutrir seus filhos e a si própria catava lixo e para nutrir sua esperança escrevia suas vivências nos restos de pedaços de papéis de pão encontrados na labuta. Contudo, Carolina não pode ser resumida a essa obra de inegável relevância, como Tom Farias⁴ e Conceição Evaristo destacam nas entrevistas e atualmente, em virtude da pandemia, nas videoconferências, pois, sua magnitude vai além.

Carolina não escreveu somente diários, escreveu poemas, peças, escreveu sobre sua realidade e sobre a denúncia dessa realidade opressora e estrutural que reverbera ainda hoje. Augé (1994) conceitua o *não-lugar*, como o espaço de passagem, onde aqueles que lá estão são desprovidos de identidade, e por sua vez, desqualificados como seres humanos. Carolina denunciou o seu não-lugar e o não-lugar dos moradores da favela. E ao fazê-lo foi criticada por quem desejava manter seus privilégios e também pelos seus que, muitas vezes, não a compreendiam. Nesta ótica, é possível inferir que as manobras ideológicas procuram inibir ou

³ Um exemplo dos festejos: Festa Literária das Periferias (Flup) que celebrou a escritora Carolina Maria de Jesus, especialmente os 60 anos de sua primeira obra lançada: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Em virtude da pandemia do Covid-19, os diálogos entre as autoras convidadas, foram feitos por videoconferência.

⁴ Tom Farias é o pseudônimo de Uéinton Farias Alves. Nascido no Rio de Janeiro, o jornalista, escritor e apreciador de literatura é autor de muitas obras, dentre elas: *Carolina, uma biografia*.

contradizer a lógica segregadora tão evidente na sociedade. Ademais, a favela e os lugares propagados subalternos, continuam sendo vistos pelo Poder Público como o *Quarto de Despejo*, com bem sinalizava Carolina, lugar tratado como menos importante, mas que precisa estar ativo para o descarte dos indesejáveis e se reconfigurando para manter Carolinas invisíveis, interditáveis ou fazendo discursos avessos à própria realidade.

Convém destacar, que não se trata de desmerecer a favela e as pessoas que lá vivem, mas demonstrar que a inércia do Poder Público culmina em condições de vida precarizadas, em outras palavras, que a não implementação de políticas públicas demonstra o não interesse em dignificar alguns espaços e pessoas. Para tanto, é fundamental ter consciência das opressões que se estabelecem para manutenção do *status quo*.

Esmeralda Ribeiro reitera esse lugar que se quer distante:

Numa primeira observação perguntaríamos o que o “Quarto de Despejo” tem a ver com o dito “lugar de negro”. Tem tudo a ver, pois a palavra quarto metaforicamente nos dá a compreensão de que estamos falando do nosso íntimo, algo muito profundo que muitas vezes é desafiante expomos no papel. Agora, quando temos a palavra “quarto” com a palavra “despejo”, a situação caminha para um complicador, é como se disséssemos que estamos desalojados de nosso próprio eu. “Quarto de despejo” significa o pior lugar que sobrou pra nós negros e negras na sociedade. É como se para nós o nosso destino fosse o “lixão, com ratos, baratas, esgoto a céu aberto”, entre outras agruras que enfrentam os desprovidos de qualquer condição digna de vida (RIBEIRO, 2002: p. 230).

A história da população negra é marcada por interdições no que se refere aos direitos civis. Carolina, assim como muitos negros, é descendente de uma família de pessoas negras que foram escravizadas e que após libertas não tiveram por parte do Estado, políticas públicas reparatórias para fins de inclusão na sociedade brasileira com os bens garantidores de cidadania: escola, saúde, saneamento básico e outros.

Carolina, tida como revoltada, agressiva e tantos outros apontamentos, sabia e sentia as opressões estruturais, pois apresentava lugar social condizente com o lugar epistêmico, o que significa dizer que ela tinha ciência que era uma moradora de favela e ciência das circunstâncias adversas que lá existiam para se ter o mínimo de condições dignas de sobrevivência.

Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do Sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades (JESUS, 1960: p. 52).

Enquanto escrevia pensava no conforto dos privilegiados, mas seus pés estavam ancorados na realidade e suas mãos debruçadas nos restos dos papeis de pão para através de seus escritos relatar suas vivências, clamando por justiça social.

Bernardino-Costa e Grosfoguel (2016) entendem que o lugar social está associado à realidade e o lugar epistêmico associado ao conhecimento acerca dessa realidade, mas pontuam que estes lugares, infelizmente, podem não ser combinados dadas as estratégias do sistema moderno que reproduz paradigmas coloniais criando táticas para dificultar a sincronia entre esses lugares. Logo, destacam esses conceitos para apontar a necessidade de se fazer uma leitura crítica acerca da própria realidade. Carolina não só fazia tal leitura, como denunciava e escrevia. Produzia!

Carolina não pode ser resumida a uma escritora do Canindé, uma figura exótica como, possivelmente, foi apontada. Carolina Maria de Jesus pode ser considerada uma pioneira na literatura, pois suas obras em vida e pós-morte, traduzem uma forma de escrita própria. A concordância verbal e nominal, talvez não sejam as melhores para os padrões eurocêntricos, mas a escrita é indubitavelmente potente à medida que permite inúmeras reflexões sobre as relações sociais marcadas pelo racismo, sexismo e a desigualdade social. Portanto, a escritora que nasceu em Sacramento, trabalhou na roça, como empregada doméstica e como catadora, não é somente uma mulher negra pobre que escreve suas mazelas e foi “achada” no Canindé, é uma intelectual que ganha o Brasil e o mundo através de sua escrevivência que esbraveja por sobrevivência e (re)existência, posto que, oportuniza uma leitura de mundo profunda e necessária, convidativa ao respeito da dignidade humana de todos, independentemente do grupo étnico ou social.

Conceição Evaristo em muitas entrevistas ao falar sobre sua forma de escrever cita o que chama de *escrevivência*, que grosso modo, significa escrever a partir de suas vivências. Carolina, é um exemplo dessa escrevivência que impregna vida e verdade às suas obras. Uma escrevivência que não acaba com a dor de quem é atacado pela opressão, mas a transforma em possibilidades de recriação, o que dialoga com o pensamento feminista negro e a opção decolonial.

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou

como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto (RIBEIRO, 2017: p. 43).

O feminismo negro além de denunciar que a universalização da categoria *mulher* feita pelo feminismo hegemônico não contemplava a todas, também propõe inserir *mulheres negras* na categoria de saberes relevantes dando visibilidade as suas produções, bem como destacar a luta no combate à todas as formas de categorização de pessoas. Não propõe uma substituição de saberes, mas uma inclusão. E, neste sentido, Carolina que não se preocupava somente com as aflições que a atingia, faz jus ao pensamento feminista negro, pois sua vida e obra demonstram que era uma mulher à frente de seu tempo, bem como é inegável que sua escrita precisa ser conhecida, divulgada e refletida para projeção de uma nova forma de se pensar a sociedade que vivemos.

Quanto à opção decolonial, esta provém de estudos de pesquisadores que se denominam a partir da perspectiva *modernidade/colonialidade*, por considerarem que a modernidade não trouxe desenvolvimento, pelo contrário, continua reproduzindo discursos e práticas excludentes. Portanto, se considerarmos que a escrita de Carolina rompe com os pré-requisitos que para ser considerado um intelectual é necessário ter domínio da norma culta da língua ou ter um título de mestre ou doutor, ela mesmo sem precisar, pode ser considerada uma mulher negra decolonial, visto que ao exercitar sua própria linguagem escrita desobedece a episteme que se propaga superior.

Mignolo (2007) compreende que é necessário romper com o eurocentrismo, no sentido de não aceitar somente as construções e conhecimentos advindos da Europa como válidos. E para isso propõe o que chama de *desobediência epistêmica*, que Carolina já fazia, e hoje podemos nomear. Ela inova, recria, reescreve, dá ela o tom, não obedece ao padrão da norma culta. Ela, que como enfatizarmos estudou muito pouco, e por muitas vezes foi reduzida ao lixo, cria seu próprio padrão de comunicação e ao fazê-lo, segue o conselho que Lélia Gonzalez daria anos depois: “O lixo vai falar e numa boa” (GONZALEZ, 1984: p. 225).

Gonzalez (1984) adverte que as falas de pessoas negras, muitas vezes, são interditadas ou deturpadas, mas que ainda assim, é necessário falar, denunciar. Carolina não só falava, como escrevia, poetizava, cantava...e sim, o lixo pode e deve falar! O lixo quando ciente de seu lugar social e epistêmico descobre que de lixo não tem nada!

A escrita movia Carolina: "- Ah! Comigo, o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é" (JESUS, 1986: p. 106). E, ao querer modificar o mundo, Carolina escreveu seus sonhos, medos, dores, denúncias, lutas e gozos. Desde a infância, sempre se mostrou curiosa por aprender e valente para superar os obstáculos que a vida lhe apresentava. O corpo negro, na faixa etária que estiver, é estereotipado, é violentado e quando atinge um mínimo de projeção é cobrado e não aceitam menos que a perfeição. Uma interdição que vem de longe! E uma cobrança implacável para aqueles que furam o bloqueio da invisibilidade.

Então é você quem rouba as minhas frutas. Negra vagabunda. Negro não presta.

Respondi:

Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África.

Ela olhou-me com nojo.

Imagina só se eu ia até à África para trazer vocês...Eu não gosto de macacos. Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito (JESUS, 1986: p. 55).

Não obstante, sobre o sequestro do povo negro da África, nota-se a aversão à esta população e o não reconhecimento dessa crueldade. E, se pensarmos na figura das mulheres negras, perceberemos que são duplamente atacadas. Muitas feministas negras brasileiras e norte-americanas, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Angela Davis e Patrícia Hill Collins, dentre outras, destacam a importância de mulheres negras na luta antirracista, antissexista e também na luta contra a desigualdade social. Estas intelectuais, através de suas obras, possibilitam a reflexão sobre como nossa sociedade sempre foi e ainda é marcada pelo patriarcado que invisibiliza ou interdita vozes e produções de mulheres como Carolina.

Bitita, como era chamada na infância, é o retrato de milhões de meninas negras, oriundas dos morros e favelas, invisíveis para a população que mora no asfalto, em sua maioria. Muitas dessas meninas precisam abrir mão da infância para ajudarem no sustento de suas casas ou barracos. Bitita teve que anular sua fase de criança para aprender a lutar pela sobrevivência, mas diferente do que desejavam os opressores, não ficava com os desaforos entalados na garganta, soltava a voz. E nesta ótica, podemos ratificar que Carolina não se resume à Quarto de Despejo. A intelectualidade de Carolina não acaba após lançamento do seu primeiro livro, pois ela pensava novas formas de se conviver na sociedade.

O segundo livro publicado foi Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada, em 1961, que retrata a decepção de uma mulher negra que lutou para sair do espaço da favela e, ao conseguir tal êxito, compreende que aquele ato não lhe trouxe felicidade plena. Conseguiu

comprar uma casa em um bairro nobre de São Paulo, mas percebeu que sua vida continuaria não sendo fácil. Desprezada por aqueles que a conhecia, sentiu de perto a dor da solidão. Fora abandonada por seus vizinhos, pois os mesmos sentiram-se traídos ao verem suas dores e suas mais íntimas realidades retratadas nas páginas de *Quarto de despejo*. Ao sair da favela do Canindé, Carolina e seus filhos levaram pedradas daqueles que tanto defendera, pondo em risco sua integridade física e a de seus filhos. Carolina defendia mulheres dos desmandos de seus maridos, ligando para a polícia e, muitas das vezes era chamada para resolver conflitos, separar brigas, aconselhar numa lide, enfim, era uma mulher preocupada em romper com todas as formas de oprimir.

Akotirene (2018) destaca a *interseccionalidade*⁵ como uma ferramenta metodológica para se pensar a não hierarquização das opressões, pois para as feministas negras, elas estão interligadas e por isso não faz sentido combater uma, sem combater as demais. Carolina era uma mulher que tinha um pensamento bem próximo, visto que não se anulava em situações de opressões para com outros.

Carolina era considerada uma mulher diferente no espaço da favela. Para muitas mulheres era um modelo de força e valentia, mas, para outras, alguém que poderia ser uma ameaça ao seu casamento. Como aceitar uma mulher solo no espaço de uma favela? Como aceitar uma mulher que sabia ler e escrever num espaço onde somente as crianças poderiam ter esse sonho? Como aceitar uma mulher que, mesmo tendo oportunidades de ter um esposo, optava por seus livros e cadernos para ter uma relação com a leitura e a escrita? Carolina fez uma escolha e, por isso, era tão questionada. Optou por criar seus filhos sozinha, desistindo de ser empregada doméstica para catar papéis a fim de ficar mais perto deles. Optou por não se calar diante de uma injustiça, mesmo sendo ameaçada de morte por muitos homens que agrediam suas companheiras num espaço onde a lei do lugar era de quem gritasse mais alto e mais forte. Carolina não desistiu! Apesar das pedras que lhe foram arremessadas ao sair do espaço da favela, sabia que tinha feito o que acreditava ser o correto para aquelas mulheres que precisavam ter suas vozes ecoadas por alguém que não tivesse medo de ser calada.

Carolina, ao lançar *Casa de Alvenaria*, livro escrito após a sua mudança para o bairro nobre de São Paulo, descobriu o gosto amargo de perceber que, mesmo os seus pares haviam lhe

⁵ Conceito cunhado por Kimberlé Williams Crenshaw, norte-americana, professora e pesquisadora das questões de raça e gênero. Contudo, já era reconhecível, sem a devida nomeação, na fala e nos trabalhos de mulheres negras que a antecederam.

virado as costas e, publicamente lhe apunhalara com o discurso de que não tinha mais nada a escrever. Audálio Dantas, na apresentação do livro *Casa de Alvenaria*, escreveu que Carolina não tinha mais nada a acrescentar, enquanto escritora, à academia. Dantas aumentava o coro de vozes que negava sua escrita, que referendava a ideia de que sua escrita não tinha mais valor, que não havia uma escrita literária em seus escritos. Dantas escreveu:

Finalmente, uma palavrinha à Carolina, revolucionária que saiu do monturo e veio para o meio da gente de alvenaria: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do Quarto de despejo. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar como encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco - não por sua culpa - no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas "poesias", aqueles "contos" e aqueles romances" que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina, ex-favelada do Canindé, minha irmã lá e minha irmã aqui (DANTAS, 1961: s/n).

Carolina sabia que não tinha unanimidade em seus escritos, pois a academia não aceitava sua forma de escrever, mas receber uma declaração daquele que acreditava reconhecer seu esforço para se tornar parte da academia foi um golpe muito forte de suportar. Audálio dizia, publicamente, que ela deveria se calar, que deveria viver da renda das vendas de seu único livro e não mais se aventurar na escrita. Como ele, depois de tanto tempo, não conseguiu perceber que a escrita era sua vida, seu alimento, sua fonte de vida? Receber críticas da academia era suportável e até combustível para escrever cada vez mais, mas receber críticas daquele que considerava um amigo e que vivenciou suas dores foi pesado demais.

Nesta obra, Carolina mostrou o quanto aqueles que estão no poder se enraivecem com a possibilidade de ocuparmos lugares que acreditam serem seus. Sua escrita desnuda o racismo estrutural que se faz velado, mas é expresso nas falas, no olhar, nas formas de manutenção de privilégios somente para um grupo social.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistêmica de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2018: p. 25).

Além da perversidade do racismo, *Casa de Alvenaria* mostrou, também, que quando ocupamos os espaços que os colonizadores circulam, é preciso fazer uso da sabedoria aprendida na dor para inverter as manobras dos algozes. E, por isso, precisamos romper com o ideário social de que pessoas negras são menores intelectualmente, e os saberes não acadêmicos são superiores

a tantos outros, o que nos faz retomar as perspectivas do pensamento feminista negro e a opção decolonial.

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade (RIBEIRO, 2017: p.16). E, Carolina pensava o que, se não isso?

Quijano, Mignolo, Dussel e outros pesquisadores de opção decolonial compreendem que apesar de sermos atravessados pela *colonialidade*, que é uma forma repaginada do colonialismo, precisamos aquebrantar estruturas desiguais no que se refere ao modo de viver, saber e conhecer. E a pergunta se repete: Carolina pensava o que, se não isso?

Com Carolina percebemos que os discursos, as denúncias e as reivindicações de mulheres negras são feitas desde muito tempo. Antes dela, outras também fizeram e as que a sucederam também estão fazendo para desmistificar a superioridade de pessoas e de saberes, pautada na raça, gênero ou poder econômico. Sendo assim, por tudo e por tanto, Carolina deve ser inclusa na categoria de intelectual.

Carneiro (2003) destaca que mulheres negras estão distantes da construção da mulher enquanto frágil ou da rainha do lar, pois para significativa parcela dessas mulheres ser frágil nunca foi permitido. Portanto, segundo ela, se questionar de que mulheres estamos falando, é fundamental, uma vez que mulheres negras nunca foram vistas com esse olhar amoroso. Além disso, Carneiro (2003) entende mulheres negras como sujeitos históricos e políticos dada a capacidade de através de suas narrativas influenciarem positivamente pessoas no combate a todas as formas de opressões. Carolina, através de sua escrita, dos relatos de suas intervenções na favela para defender mulheres oprimidas por seus companheiros, por exemplo, prova que antes mesmo de teorizarem ela já colocava a teoria em prática.

Collins (2016) pontua como mulheres negras a partir do lugar de subalternidade que são lançadas podem fazer uso de sua condição de “outsider” para criar várias formas de pensar, conhecer e resistir. No artigo intitulado “*Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*”, ela utiliza a expressão “outsider” que em português pode ser compreendida como forasteiras de dentro, para fazer referência as empregadas domésticas norte-americanas que trabalhavam na casa de mulheres e homens brancos e que eram invisibilizadas por estes padrões. Estavam dentro da casa, mas não passavam de forasteiras, já que eram vistas apenas como um serviçal e não como um ser humano com subjetividade. Infelizmente, isso não

é uma exceção, é fruto de construções sociais que se perpetuam e se retroalimentam para continuar mantendo grupos na invisibilidade.

Ribeiro (2017) cita uma pesquisa desenvolvida pelo IPEA em 2016, na qual mulheres negras compunham o maior contingente de pessoas desempregadas e no trabalho doméstico. Hoje, nada mudou, pesquisas recentes comprovam isso⁶. cremos que na atual conjuntura que estamos vivendo, de uma pandemia mundial, que não escolhe os corpos que o vírus vai se instalar, mas dilacera e extermina os mais pobres que não possuem recursos para se tratar, as condições não devem melhorar como gostaríamos, afinal sabemos a cor majoritária dos mais pobres⁷. Portanto, as denúncias não podem cessar. Como disse Lélia Gonzalez: “devemos falar, ainda que seja difícil”.

Conceição Evaristo, no encontro com Vera Eunice, filha de Carolina, na Flup 2019⁸, disse que Carolina morreu de enfisema pulmonar, talvez, por ter engolido muitas falas que não foram ditas, muitas dores que não foram expressadas. Consideramos que Carolina morreu ressentida por ter sido esquecida por seus pares e por seu público. Percebeu que serviu de ponte para que as pessoas soubessem dos meandros da favela ao lerem seus escritos. Descobriu que fora usada para descortinar os horrores da favela e, após lerem e descobrirem o que havia por detrás dos muros da favela, já não mais interessavam seus escritos.

O que é notável na saga de Carolina é que apenas quinze anos depois de sua morte, três décadas depois da publicação e do barulho feito em torno de Quarto de Despejo, uma nova geração pouco ou nada sabe da escritora negra. Seus livros desapareceram das livrarias depois do golpe militar e agora voltam timidamente. É, neste sentido, quase incompreensível como houve um apagamento de sua memória no Brasil, particularmente nos níveis escolares, fato que contrasta com sua reputação em academias no exterior onde sempre integra a lista de cursos sobre mulheres, raça e pobreza no terceiro mundo. (...) Para os estrangeiros, mais que

⁶ Em 2018, 6,2 milhões de pessoas tinham como ocupação o serviço doméstico remunerado, que assume variadas formas, como as atividades desempenhadas por diaristas, babás, jardineiros e cuidadores. Ao todo, 92% (5,7 milhões) eram mulheres, das quais 3,9 milhões eram negras. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-12/ipea-trabalho-domestico-e-exercido-por-mulheres-mais-velhas>. Acesso em 20/09/2020.

⁷ De acordo com estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, negros morrem mais do que brancos na pandemia no Brasil. Fonte: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-agem-para-enfrentar-o-racismo-na-pandemia-covid-19-e-garantir-direitos-da-populacao-negra-no-novo-normal/>. Acesso em 20/09/2020.

⁸ A Zona Portuária do Rio recebeu a 8.ª edição da Festa Literária das Periferias (Flup), de 16 à 20/10/2019. O festival desembarcou no Museu de Arte do Rio (MAR) e destacou em 2019 o feminismo negro e a poesia falada. Nos pilotis, Ana Maria Gonçalves e Conceição Evaristo receberam o prêmio Carolina Maria de Jesus, que homenageia personalidades que tiveram sua vida transformada ou que transformaram a vida de outrem pela literatura.

qualquer coisa, o Quarto e os demais livros de Carolina desmascaram o mito da democracia racial brasileira, aceito como atestado da cultura brasileira e que até então não havia sido mexido. (MEIHY & LEVINE, 1994: p. 46 - 49).

Apesar da tristeza que acreditamos ter sentido, Carolina mostrou ao mundo que não ficaria conhecida por apenas uma obra. Após sua morte foram lançadas várias bibliografias sobre sua vida e obra e, também, há inúmeros escritos autorais escritos pela autora que não foram publicados, sendo uma forma de eternizar Carolina, mulher negra, escritora, insubmissa que, com o seu fazer, abriu espaço para que muitas outras escritoras negras tivessem a coragem de escrever também.

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, não é? A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida. A literatura feita pelas pessoas do povo rompe com o lugar pré-determinado. (EVARISTO, 2011).⁹

Carolina sabia do seu direito de escrever! Conceição sabe! Mas é importante que mais dos nossos saibam também, e por isso, a importância dessas escrevivências que geram (re)existências.

3. Considerações Finais

A história de Carolina nos permite fazer um passeio pelo despejo de dor ao despejo de conhecimento. Contudo, apesar de alcançar certa visibilidade nos anos iniciais de lançamento de *Quarto de Despejo*, como podemos constatar, Carolina não deixou de ser atravessada pelas opressões estruturais de raça, classe e gênero. Opressões estas que estão interligadas e devem ser combatidas por todos.

Bitita, menina negra, teve sua subjetividade atacada e ferida ao ser forçada a sentir-se feia, diferente do “padrão”. Bitita, que se descobriu Carolina, usava a agressividade para lidar

⁹ Fonte: <http://blogueirasfemininas.com/2011/11/conceicao-evaristo>. Acesso em 19/01/2020.

com essa dor contida em ser negra. Não porque ser negra é ruim, mas pelo fato de retirarem a beleza de sua negritude para legitimar o racismo e a exclusão. Usou a força das palavras para mostrar ao mundo que, apesar de todas as circunstâncias desfavoráveis, a menina negra cresceu e floresceu.

Através do olhar de Carolina, muitos sujeitos puderam ampliar suas reflexões sobre a invisibilidade de uma grande parcela da população negra que vive na favela, pessoas que carregam a marca do sofrimento e do descaso em seus corpos, mas, ainda assim, resistem. As obras de Carolina ecoam a voz de inúmeras meninas e mulheres negras que, por terem os seus sonhos violados, precisam reinventar novas formas de (re)existir. E, a forma que consideramos mais subversiva, é redescobrir a própria beleza, a cultura, o saber. Afinal, é uma insubordinação que se faz necessária para preservar a própria subjetividade. Carolina através de sua escrita demonstra que existem diversas maneiras de conhecer, saber e ser o que, como vimos, dialoga com o feminismo negro e a opção decolonial.

A escrita de Carolina incentivou milhares de mulheres negras a sentarem nos bancos das escolas para aprenderem a ler nas escolas de alfabetização de adultos e nos projetos populares nas favelas e periferias. Muitas salas de leitura, escolas públicas e bibliotecas de todo o país reconheceram a importância do fazer de Carolina, homenageando-a com seu nome nesses espaços. Carolina, com sua escrita, ampliou os horizontes de mulheres que perceberam que é possível avançar, apesar de suas dores. Contudo, não o suficiente, pois o número de escolas e profissionais que desconhecem a obra desta intelectual também é gigantesco. Portanto, se as unidades escolares precisam atender o disposto na legislação educacional vigente que versa sobre o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, por que Carolinas, Conceições, Marias Firmino dos Reis e tantas outras ainda não adentram as nossas escolas com a mesma passibilidade que autoras e autores brancos?

Acreditamos que o alerta é importante, pois quanto mais cedo as crianças forem apresentadas às autoras negras, maiores serão as possibilidades de ampliarem seus saberes e conseguirem enfrentar o racismo que interdita culturas diferentes das predefinidas como superiores. Daí a importância (,) de super-heróis negros, bonecas negras, cabelos afro(s) para que a história possa ser contada a partir de outra perspectiva também. É urgente a necessidade dessas crianças se conscientizarem de que elas podem ser o que elas quiserem, inclusive, escritoras/es.

Há materiais inéditos deixados por Carolina, organizados pela Universidade Estadual de Campinas. Além de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961) citadas neste trabalho, outras publicações de Carolina foram: *Pedaços de Fome* (1963) e *Provérbios* (1963). As publicações dessas obras foram realizadas com Carolina ainda viva, mas não obtiveram o mesmo sucesso de vendagem que a primeira.

As publicações póstumas foram: *Diário de Bitita* (1982), *Meu Estranho Diário* (1966), *Antologia Pessoal* (1996) e *Onde estás Felicidade* (2014).

Há inúmeras biografias produzidas sobre Carolina Maria de Jesus: *Muito bem, Carolina* (2007), de CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata; *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável* (2009), de SANTOS, Joel Rufino dos; *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), por LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; *Carolina, uma biografia* (2017), de FARIAS, Tom.

Em 2020, a Editora Companhia das Letras divulgou o lançamento do Projeto "Cadernos de Carolina" incluindo diversos títulos, como escritos memorialísticos, romances, poesia, música, teatro e narrativas curtas com textos inéditos escritos por Carolina Maria de Jesus, com a supervisão de sua filha Vera Eunice de Jesus. Fazem parte do Conselho Editorial a escritora Conceição Evaristo e as pesquisadoras Amanda Crispim, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda e Raffaella Fernandez. Uma obra muito esperada e com uma pitada de saudade.

A escrita que parte das vivências não é menos importante que nenhuma outra. Uma escrita que culmina em (re)existências, existir resistindo, é o que talvez nos falte para avançarmos ainda mais na luta por equidade e justiça social.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

AUGÉ, Mare. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus, 1994.

AKOTIRENE, Carla. *O que é Interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. *Estudos Avançados* 17 (49), 2003.

CASTRO, Eliana de Moura e MACHADO, Marília Novais de Mata. Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan.-abr. 2016.

DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS. Carolina Maria. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1960.

DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria: história de uma ascensão social. In: JESUS. Carolina Maria. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961. (Memórias).

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performativas brasileiras: teorias, práticas e interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.

BERNADINO-COSTA, Joaze.; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado*, Rio de Janeiro, v.31, n. 1, jan-abr., 2016.

JESUS. Carolina Maria. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1960.

_____. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961. (Memórias).

_____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LEVINE, Robert M. & MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução: Ângela Lopes Norte. *Revista Gragoatá*, n.22, p.11-41, 1º sem, 2007.

RIBEIRO, Esmeralda. A obra de Carolina Maria de Jesus”. In: DUARTE, Constância, DUARTE, Eduardo e BEZERRA, Kátia (Orgs.) *Gênero e representação na literatura Brasileira*, Col. *Mulher & Literatura*, Vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

RIBEIRO, Djamilá. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

* * *

Claudia Gomes Cruz: Professora da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e Professora Inspetora Escolar do Estado do Rio de Janeiro, Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Orientanda da Prof^a Dr^a Mônica Regina Ferreira Lins. Aluna do Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (EREREBÁ) do Colégio Pedro II e membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas (Grupo interinstitucional).

Ana Lúcia da Silva Raia: Professora da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Mestranda (UERJ) do Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Orientanda da Prof^a Dr^a Mônica Regina Ferreira Lins e membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas (Grupo interinstitucional).

Mônica Regina Ferreira Lins: Professora do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) e do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas (GPMC), grupo interinstitucional (UFRRJ, UERJ, IFRJ), Mestre em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH-UERJ).

Artigo recebido para publicação em: 30 de setembro de 2020.

Artigo aprovado para publicação em: 17 de novembro de 2020.

Como citar:

Cruz, Cláudia Gomes; RAIA, Ana Lúcia da Silva; LINS, Mônica Regina Ferreira. Do despejo de dor ao despejo de conhecimento: o pioneirismo de Carolina na escrita, *Revista Transversos*. Dossiê: O protagonismo das mulheres negras na escrita da História dos Brasis. Rio de Janeiro, n.º. 20, 2020. pp. 49-66. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2020.54746.

